

**Caminho
Velho**

1

“E onde é que vamos dormir?”. A minha mãe apontou-me os colchões, enrolados a um canto, como se pedisse desculpa por ainda não termos camas. Eu, que nunca tinha acampado, vi nos colchões apetrechos de aventureiros. Devo ter perguntado se podia ficar com o verde. A minha irmã deve ter ficado com o vermelho. Quis desapertar o cordão do meu para o estender e deitar-me nele. O meu pai deve ter pedido calma, que ainda havia coisas a fazer. Lembro-me de um camião que me parecia gigantesco, com coisas dentro, das que se usam numa casa. E de ligarmos a televisão e ser a cores. Acho que nunca tinha visto cores num programa de televisão, além dos tons de cinzento do televisor da casa da Rua Capitão Guerra. Tinha comando, um rectângulo de plástico grande, com três botões. O vermelho desligava, outro, preto, mudava de canal e o outro, igualmente preto, aumentava e diminuía o som. Durante muito tempo, respeitei com temor a recomendação do meu pai de nunca nos pormos entre a televisão e o respectivo comando, não fosse aquilo fazer mal.

Não me lembro, curiosamente, de como as coisas foram ficando no seu sítio. O que é gradual e desprovido de sobressaltos não é tatuado na memória, como o são as mudanças drásticas. Sei que no tecto ficaram tristes e pequenas lâmpadas, por muitos anos, sem candeeiros que escondessem o fio eléctrico enrolado e a campânula de vidro na ponta. Eu seria já adolescente crescido quando o meu quarto recebeu um candeeiro cónico, simples, branco e largo, como era moda na altura.

A geometria das divisões é fácil de explicar. Primeiro a entrada. Um portão que muitos anos depois descobri ter sido feito pelo pai do Rucho e seu irmão mais velho, cuja alcunha não recordo agora. Esse portão teve muitas cores, acabando por ser pintado de preto, numa das intermináveis renovações do senhorio. Depois disso, ganhou ainda umas aplicações em dourado, a encimar os ferros que o compunham, umas coisas parecidas com pontas de seta de cupido, a sugerir o formato de corações alongados. Depois do portão, um pátio, limitado pelo muro que o portão completava, à esquerda de quem entrasse. O muro, que com o tempo e os momentos de insustentável ócio do senhorio ganhou uma grade mais ou menos a condizer com o portão, foi um desafio para os meus saltos, durante muitos anos de crescimento. Um dia, depois de imensas tentativas frustradas, que acabavam perigosa e espectacularmente, consegui saltar por cima do muro, evitando a solução dos fracos e curtos de perna: abrir o portão. Nessa altura, e depois de outras tantas tentativas, já conseguia tocar na entrada do tecto da garagem, saltando sem balanço. Ali deveria haver uma trave ou outro tipo de reforço, já que nesse sítio o tecto tinha menos uns bons 30 centímetros, formando uma saliência larga, que ia de um ao outro lado da entrada.

O nome garagem foi o correcto, durante anos, já que era ali que o meu pai guardava o carro. Numas férias de verão, em que o Senhor José e a Dona Maria recebiam as netas e a Marilyn, penso que foi ela, trouxe um Citroën AX do Luxemburgo, foi pedido ao meu pai que deixasse o carro do lado de fora do portão. As netas dos senhorios foram embora e o meu pai voltou a colocar o carro do lado de dentro. Foi-lhe então explicado que os pneus poderiam riscar o chão com marcas de borracha que estragariam o efeito em que tanto trabalhou o Senhor José. O meu pai não insistiu. Passou a guardar o carro ao lado do muro, o que com o tempo passou a requerer alguma perícia. Como é costume acontecer nas estradas ladeadas de casas, em pequenas localidades, em ano de eleições para a Junta de Freguesia nova camada de asfalto era colocada sobre a anterior, subindo escassos mas cumulativos centímetros à estrada e colocando-a acima do nível das casas. Dois pneus, de um dos lados do carro, ficavam no asfalto e outros dois no cimento da escoadora, dando uma estilosa inclinação lateral à viatura, que de resto era o estilo de todas as viaturas dos vizinhos, estacionados em igual situação. A entrada para a casa era a meio da espécie de garagem que referi, que estava do

lado esquerdo da casa, partilhando uma parede com uma pequena casa de lavoura, dos vizinhos desse lado.

A porta a meio da garagem - vou chamá-la principal, já que a sua localização exige alguma cautela quanto a chamá-la a da frente - dava para a sala. Esta divisão, onde se comia e via televisão, era um quadrado que tinha de lado a largura da casa. Do lado direito, mais próximo da porta e da parede da garagem, a casa de banho. Ainda do lado direito, partilhando parede com a casa dos pais do Rui Pedro, o quarto dos meus pais. Do lado esquerdo, no seguimento da porta da casa-de-banho, a porta para a cozinha. No seguimento da porta do quarto dos meus pais, o meu quarto. A cozinha tinha uma porta para os fundos, onde havia duas bancas de lavar roupa e se abria o mato e uma vista para a Serra da Boa Viagem, do lado do Abrigo da Montanha. A dita garagem não teve parede a fechá-la durante o tempo da minha infância, era um túnel, se formos mais rigorosos na denominação. Três degraus, baixos e curtos, faziam o desnível para a parte de trás da casa. Quando tive a primeira bicicleta, oferta de aniversário do meu padrinho, descobri uma brincadeira que me permitia desafiar esse limite. Pedalava com fúria até o mais perto possível dos degraus, travando ruidosamente, mesmo antes de chegar aos degraus. Repeti diariamente a sequência pedalar-travar até ao dia em que pedalei furiosamente demais, atrapalhando-me tanto que me esqueci onde eram os travões, confundindo-os com a campainha. Como ainda não sabia dar saltos, mesmo se tão ridículos e pequenos como o necessário para transpôr três degraus, lá fui eu pelo ar, em glória e desastre, tocando a campainha como se para assinalar a minha falta de jeito. Consegui, com a arte dos desajeitados, esfolar ambos os joelhos e ainda os dois cotovelos. Exibi as feridas tratadas a mercuriocromo pela minha mãe, durante alguns dias, com esse orgulho de puto desastrado de que todos os putos, mesmo os menos desastrados, são capazes na infância mais inocente e despreocupada.

Num dos primeiros dias da nossa nova vida, na nova casa, fomos conhecer os vizinhos do lado. A minha mãe provavelmente teria já falado com a vizinha, durante a tarde, e eu fui apresentado ao Rui Pedro, o filho de um casal de catequistas, o Sr. Acácio e a respectiva esposa, senhora com tal habilidade ou hábito de seguir na sombra do marido que era sempre reconhecida por toda a gente como a esposa do Sr. Acácio. O Rui Pedro tinha a minha idade e quando fomos apresentados pelas nossas mães estava a lavar as sapatilhas no tanque, sem as tirar, operação que lhe exigia atenta e habilidosa concentração, pelo que não me ligou muita importância. Desse contacto com os vizinhos não saiu um amigo – raramente brinquei, nos anos que se seguiram, com o Rui Pedro – mas iniciou-me a minha aproximação à Igreja Católica. Por algum motivo que a esta distância que parece impossível de desevndar, a palavra catequese despertava-me a curiosidade com a acutilância das coisas fascinantes e misteriosas, coisas que geralmente são fascinantes por serem misteriosas. Quando a minha mãe me disse que eu era muito novo para ter catequese, que teria de esperar um ano até me poder inscrever, eu consegui convencê-la a convencer o Sr. Acácio a levar-me um dia, para assistir, contando que eu me portasse bem. Eu lá fui, no pachorrento e velho carro do Sr. Acácio, e portei-me bem. Essa ida à catequese como convidado não foi suficiente para me desiludir em relação a esse mistério chamado catequese Quando fiz sete anos, a idade estabelecida pelo Padre Carlos para o início da catequese na paróquia de São Pedro, Buarcos, a minha mãe inscreveu-me.

2

Viver naquela rua, de poucas casas pobres, a caminho da serra, era viver na orla da vila. Suficientemente longe da Serra para que pudesse ser serrano, suficientemente perto de Buarcos para que sentisse algum desejo de ser buarqueiro. Penso foi a Igreja a evitar-me as dores de um parto impossível, acolhendo-me como um dos seus, coisa que uma localidade não poderia fazer. Nascido a muitos quilómetros de distância, numa cidade portuária sobre o Índico, retornado de Moçambique com apenas alguns meses de idade, desmamado a norte, em casas de avós maternos e trazido aos três anos de idade para Buarcos, eu nunca seria aceite como um nativo. Não poderia ser um nativo de Moçambique, sem recordações como a dos meus primos mais velhos, de uma infância brincando com crianças africanas, correndo descalço na machamba, e chorando, como a minha prima São, porque a raptaram do paraíso primitivo para a trazer para uma aldeia de Barcelos, analfabeta e rural. Não poderia ser um nativo de Rio Tinto, terra onde dificilmente me considerariam como um dos Belas, alcunha da família do meu avô, com a minha pronúncia *do sul*. E não poderia ser um nativo de Buarcos. Demorei anos a perceber como esta última impossibilidade me magoava. Um buarqueiro, filho de pescadores, donos de uma das traineiras mais importantes da vila, fez questão de mo dizer na cara. Mas isso, é episódio que virá na altura certa, nesta história.

Como eu, habitante de uma zona fronteiriça, havia muitos, provavelmente todos os meus vizinhos, moradores de menos de uma dúzia de casas. Não era o caso dos donos das vivendas, que começaram a proliferar poucos anos depois, apenas duzentos metros mais acima, na direcção da serra. Acabariam por decorar os dois lados da estrada, quando veio a moda e as convenientes alterações ao PDM, que permitiram que se construísse ali, a dois passos da Serra, e mais próximo ainda do coração verde da Figueira, a Serra da Boa Viagem. As vivendas vieram isolar ainda mais aquele punhado de casas, entaladas duzentos acima da Capela da Sra. Da Encarnação e duzentos metros abaixo da fila de vivendas.

Em frente à nossa casa, havia terreno que se quedou baldio por muitos anos. Ainda desse lado, e mais para cima, uma pequena ilha, minúscula quando comparada com as que existem no Porto, ou mesmo a que existia a meio caminho entre os Vais e a Rua dos Pescadores, em Buarcos. Um pátio comum e umas três ou quatro casas muito pequenas, constuídas de pouco mais de uma divisão. Umhas quatro crianças, de duas famílias diferentes, viviam ali e todos se mudaram era eu ainda pequeno, bem como o Rui Pedro, vizinho do lado, escapando ao limbo fronteiriço em que eu me fui atolando. Sobraram os filhos da Fátima, conhecidos assim, simplesmente por filhos da Fátima, mãe de uma meia dúzia de rapazes, selvagens, mal criados e mal vestidos, a quem em afeiçoei já crescido, de forma estranha e profunda. O Nuno, o mais velho, vi-o meia dúzia de vezes, depois de quase vinte anos sem nos cruzarmos. Lembro-me do primeiro desses reencontros, os dois bizarramente adultos, caricaturas das crianças que fomos, a ferida na testa, de uma pedrada que apanhei de um dos seus irmãos irremediavelmente curada. Acho que sorrimos os dois, sem mexer os lábios. E perguntámos “tudo bem?”, e seguimos os dois, eu a caminho de casa, ele para fora da casa da mãe. Do Marco, um dos mais novos, fui sempre sabendo notícias pela minha mãe, das suas idas à figueira. A maior parte, más notícias, acerca da dependência de drogas duras. Mas também a boa notícia de uma amizade que se foi solidificando assim, à distância, proclamada pelo Marco numa lealdade de quem não tem nada a perder, terna e assustadora, “vês estas senhora?”, repetia-me a minha mãe as palavras dele, dirigidas a outro toxicodependente, “vês?, é a Dona Gina. matou-me muitas vezes a fome, quando eu era pequeno. devo-lhe muito. olha bem para a cara desta senhora. se alguma vez lhe fizeres mal, se lhe tocares na ponta de um cabelo, eu mato-te, ouviste?”. Do lado da casa da mãe dos Filhos da Fátima, uns cinquenta metros abaixo, vivia a Francisca, mulher

analfabeta e gentil, endurecida pela vida e loquaz de vocação. O filho dela, o Miguel, tinha mais 10 anos que eu, o que o colocava acima da fasquia da minha infância. Foi com a viola dele, que a Francisca me emprestou, que eu aprendi a tocar. Era pequena, pouco maior que as violas com que aprendem a tocar essas crianças afortunadas com pais que as obrigam a aprender música a partir da idade em que se quer jogar ao pião, ver desenhos animados e andar de bicicleta - coisas que eu fiz com galhardia e competência. Tinha cordas de aço, que me calejaram as pontas dos dedos de forma mais rápida e duradoura do que seria habitual. Não tinha um som bom nem sequer suficientemente alto para que pudesse acompanhar instrumentos mais dignos na função de instrumentos. Serviu-me para imitar os acordes que via nos outros e treinar a posição dos dedos e a perícia da mão que dedilha. Só mais tarde, com violas emprestadas ou com a que comprei com dinheiro do meu primeiro emprego, é que eu acompanharia os salmos e outros cânticos, na missa, nas Janeiras e noutras ocasiões.

Quase me esquecia de falar da Raquel e do seu café, cinquenta metros acima da rua, no mesmo lado que a nossa casa. Digo rua, insistentemente, porque se chama de facto Rua Sra. Da Encarnação, mas a designação mais precisa seria estrada. A nossa casa era uma dessas casas por que se passa na estrada a caminho de algo – no caso, a caminho da Serra da Boa Viagem. Por isso, brincar na rua seria brincar na estrada. E os meus pais sempre me proibiram de brincar na estrada. O café da Raquel era um desses cafés à beira da estrada, mas sem nome visível ou qualquer elemento visual colorido e preenchido de logotipos, que nos permitiriam reconhecer com alguma antecedência que ali há um café. Fui muito poucas vezes ao café da Raquel. Ainda assim, foi lá que me tornei, com alguma perícia assustada e amadora, um eficaz larápio de páginas centrais da revista de domingo do Correio da Manhã, que tinham sempre um poster de uma modelo com as mamas à mostra. Quando chegava e não estava ninguém, nem a Raquel, nem um dos filhos, o que acontecia frequentemente, avaliava a que distância estaria a próxima pessoa a chegar, dava uma olhadela profissional e temerosa à mesa onde costumava estar o jornal e aproximava-me, como quem quisesse dar uma vista de olhos pelas notícias. Pegava na revista de domingo, que lá estaria, mesmo que não fosse domingo e fazia um compasso de espera. Se me parecesse haver tempo, arrancava as páginas centrais com uma técnica aperfeiçoada ao longo do tempo: dobrando as duas páginas numa, retirava o poster, puxando-o com o som curto, seco e quase inaudível do papel a ser arrancado através dos dois pequenos agrafos. Em casa, escondia os posters, para futuras masturbações, deitando-os fora mais tarde, juntamente com o lixo, ao ir despejá-lo no contentor, entre papéis menos indecorosos.

A Raquel tinha dois filhos. O mais velho seria um ano mais novo ou um ano mais velho que eu. Com o mais novo, fumei uma vez duas passas de umas cigarrilhas do pai, marido da Raquel - que tinha nome que rimava, Samuel - duas passas que não foram as primeiras mas me fizeram tossir aflito e lacrimejante e adiar de novo o início do vício do tabaco. Só voltaria a fumar com cerca de 25 anos. Essa vez foi a única que entrei em casa da Raquel. E de resto, além da vez em que entrei na casa, ou melhor, fui até às traseiras da casa do Sr. Acácio, para conhecer o Rui Pedro, não entrei nenhuma outra vez em casa de vizinhos, enquanto lá vivi. Em casa da Francisca entrei várias vezes, mas a Francisca, muito mais que vizinha, era uma amiga, talvez a melhor amiga da minha mãe. Comendo à nossa mesa, quando visitávamos a Figueira, já adoptados pelo norte, a Francisca foi-se tornando parte da família, com o tempo e a serenidade da sua dedicação. Foi sempre uma âncora a Buarcos, cuidando da nossa correspondência e outras miudezas que requerem paciência de amigo, e estando presente nos momentos difíceis, como os que se seguiram à morte da minha avó. E nesses momentos delicados, recolhia a sua loquacidade para dentro, como os gatos fazem às garras.

3

A minha mãe nunca precisou de me falar no Papão. Para fazer as vezes do bicho papão, que viria se eu não comesse a sopa ou me portasse mal, havia o Pancas. Muito mais assustador que qualquer papão, já que o Pancas vivia uns trezentos metros acima da nossa casa. Antes de começar a duvidar da existência do Pai Natal, que, em cumplicidade com o Menino Jesus, enchia a mesa de jantar dos meus avôs de presentes, enquanto eu, a minha irmã e a minha prima esperávamos no quarto, antes de suspeitar que eram os meus pais, os meus tios e os meus avôs maternos a comprar prendas e a pedir-nos que saíssemos para que pudessem sustentar a fábula natalícia, comecei a suspeitar da veracidade da existência de um homem, mau e perigoso, com um nome tão inverosímil como Pancas. Até que a minha mãe, numa das vezes em que subia algumas centenas de metros para encontrar um ponto da estrada para fazer inversão de marcha, me apontou, “olha, é ali que vive o Pancas, vês esta estrada de terra?, é depois da curva que ele vive”. Serviu-me como prova a indicação de onde ele viveria. Nas minhas aventuras na BMX vermelha – com suspensão traseira - que o meu pai me comprou para substituir a que tinha ficado pequena, por entre os pinheiros, aprendendo a fazer derrapagens, deixando uma curva marcada na terra como via os outros miúdos fazer, aquele caminho estava fora dos limites do razoável. Até hoje, acho que não o explorei. A partir de determinada altura, em que os meus pais aceitaram que eu já não poderia continuar a acreditar no Pai Natal, quis saber se o Pancas era um homem, com nome além da alcunha, ou uma invenção de progenitor. E, pelos vistos, existia mesmo um homem, de hábitos estranhos tornados perigosos pelo mistério de os desconhecem, e que era chamado pelas pessoas dali por essa alcunha.

Uma outra figura, e essa era visível, me cativava a imaginação. Um homem muito alto, mal vestido como os vagabundos sem terra que percorrem muitos quilómetros com a mesma roupa, de barba enorme, crespa e suja e cabelo encaracolado comprido coroadando-lhe a cabeça como algo vegetal, escuro e impenetrável. Acho que cheguei a perguntar à minha mãe se o Pancas era aquele homem. Não era, se o nome era conhecido, não me recordo dele. Só agora reparo num pormenor que deveria revestir enormemente de mistério e fascínio aquele personagem, quando o via: encontrava-o sempre, sempre, sempre na Rua Sra. Da Encarnação, entre o entroncamento com a Capitão Guerra e a minha casa. Sempre. Era como se ele habitasse aquela rua, como se fosse parte da sua mitologia, como um fauno ou um urisk que vivesse num espaço limitado e intransigentemente seu. Tinha um andar muito balanceado, as costas curvavam um pouco e estava quase sempre a fumar. Embora os olhos se escondessem por entre sobranceiras grossas e a proximidade da barba, não escondiam o brilho. Havia algo de nobre no sofrimento interior que lhe adivinhava. Parecia transportar, como castigo de um deus maldoso, alguma maldição prodigiosa e trágica. Não falava com ninguém, não olhava para outro coisa além do vazio à sua frente nem abrandava ou acelerava o passo. Cruzávamo-nos sempre quando eu ia a caminho de a casa e ele descia, ou quando eu descia e ele subia, para uma casa ou um recanto que nunca lhe desvendei. Muitos anos depois, já eu crescido, ele voltou a aparecer, cruzando o meu caminho, numa das minhas visitas de fim-de-semana à Figueira. Tinha o cabelo cortado e a barba muito curta, o que parecia despir-lhe a dignidade de louco solitário que sempre me intrigou. Uma vez, um amigo da escola apontou-me um homem, na Praça onde ficava o Valdemar & Pelotas, onde o meu pai trabalhava, e informou-me “vês aquele homem, sujo e de roupa velha? era um homem muito rico, mas parece que enlouqueceu porque gostava muito de uma mulher que não o quis. deixou tudo e vive na rua, mendigando. quem olha para ele não pensa que ele já teve muito dinheiro e uma vida boa.”. Pensei de imediato no homem que vivia na minha rua, eternamente em trânsito, como um Sísifo que tivesse de empurrar o seu próprio peso, caminhando acima e abaixo da minha rua mais dele que minha por instintiva punição dos deuses. Talvez lhe tivesse acontecido desgosto semelhante, condenando-o a uma vida de desgosto, tornando-o um eremita preso na insanidade e na solidão.

4

A minha irmã. Quando nos mudámos para a Sra. Da Encarnação, eu tinha cinco anos e ela um. Sou, dos dois, o único que tem memória da mudança. E se recorda das outras duas casas em que vivemos antes. A minha irmã cresceu naquela casa a caminho da Serra. Recordo-me de quando ela nasceu e de como eu gostava de empurrar o carrinho de bebé, coisa que fazia diligentemente, no espaço limitado da entrada da casa da Capitão Guerra, antes de sairmos com a minha mãe. Era uma actividade estranhamente gratificante. O facto de o carrinho ter rodas e peso e poder ser conduzido pela minha força dava-lhe características ideais para ser entendido por mim como um brinquedo. Mas, por ter lá dentro um ser tão pequeno e frágil, não o era. Eu sentia, de alguma forma, a responsabilidade de empurrar um ser humano ainda mais pequeno e desprotegido do que eu. E, estranhamente ou não, gostava mais dessa responsabilidade do que gostaria de uma brincadeira em que empurrasse veículo semelhante sem bebé nem responsabilidade. Era um privilégio empurrar o carrinho de bebé, que eu devo ter disputado à minha mãe e que ela me concedia de vez em quando.

Na casa da Sra da Encarnação, a minha irmã já andava. Há um momento de felicidade e brincadeira que está gravado na minha memória emotiva. Uma vez em que descíamos a Capitão Guerra, vindos de casa, e eu corri à frente da minha mãe, da minha irmã e de uma vizinha que nos apanhou a meio do caminho, para parar mais abaixo e abrir os braços para a minha irmã. Ela riu e correu para os meus braços. Repetimos a brincadeira até à Dona Estrela, eu a correr, parar e abrir os braços e a minha irmã a correr para mim e a ser levantada do chão pela minha força. Faz parte da minha recordação deste momento um comentário que a minha mãe fez à vizinha que nos acompanhava e que me encheu de orgulho. Algo como “eles são sempre assim”.

Em casa, a minha irmã era a princesa do meu pai. Penso que não só a família e os amigos, mas mesmo a minha mãe e o meu pai diziam frequentemente que a minha irmã era mais ligada ao meu pai e eu mais ligado à minha mãe. Há um comentário recorrente da minha mãe, sobre a afinidade entre o meu pai e a minha irmã e que ainda hoje me deixa embaraçado, quando o ouço, “eles são iguais, só que um tem um bocadinho de chocolate a mais” Nos primeiros anos da minha irmã naquela casa, ela gostava muito de se sentar ao colo do meu pai, quando ele se sentava no sofá ao pé da porta, para ver televisão. Não consigo perceber, a esta distância, se havia ciúmes da minha parte.

5

Não consigo lembrar-me de quem foi o meu primeiro catequista. Sei que não foi o Sr. Acácio e que a filha da Dona Estrela, que tratávamos carinhosamente por Estrelinha – por se chamar Estrela e ser filha de uma Estrela maior e mais velha - foi das primeiras e a minha favorita. O facto de naquela paróquia se começar a catequese infantil aos 7 anos tinha um efeito curioso, para a minha mente simples e atenta de criança: quando passava para a terceira classe na primária, passava para o segundo ano na catequese. Sei que tentei ver alguma lógica subtil e relevadora naquele desfazimento de rigorosamente um ano. Talvez a catequese tratasse de matéria mais difícil e importante e, por mais que avancasse na matemática e nos ditados, nos preceitos morais ficava sempre um ano atrasado. De vez em quando, ao falar com um colega de escola que andava na catequese noutra paróquia, percebia que era o único a viver esse desfazimento entre a sabedoria profana e os ensinamentos divinos. O normal, para um miúdo que frequentasse a segunda classe, era estar no segundo ano da catequese, já que seis anos era a norma nacional para o início da catequese. Mais tarde, ainda criança, ouvi o Padre Carlos a explicar, e ouviria a mesma explicação muitas vezes, que seis anos é cedo demais, que uma criança dessa idade não tem paciência nem lhe deve ser pedido que fique em silêncio durante todo o tempo de uma missa e que mesmo sete anos ainda é cedo, mas tem de se começar por alguma idade.

A missa reservada às crianças era a das 11h30 de domingo. Cada ano tinha um ou mais bancos, na ponta dos quais ficavam os catequistas, a decorar as fileiras de bancos do lado do corredor central. Os bancos da frente eram os bancos dos anos mais avançados. E eu gostava dessa dinâmica, de saber que ao passar de ano, avançaria um banco, aproximando-me mais do local onde o Padre Carlos celebrava a missa. Não se pode dizer que visse no avançar de um banco mais um passo da aproximação a Deus. Tentando recuperar a minha ideia de Deus, aos 7, 8, 9 anos de idade, chego a uma conclusão intrigante. Naquela idade, Deus era muito mais uma ideia, um conceito. E com o crescimento tornou-se mais uma presença, um ser. Inspirava-me algum temor a ideia de Deus, suficiente para eu ver na obrigação de fazer a oração da noite uma obrigação. Mas era muito consciente do silêncio que me respondia às orações, apenas poluído pelo ruído das minhas dúvidas. Quando me fui confessar pela primeira vez, na preparação para a Primeira Comunhão, acho que encarei a coisa mais como uma performance do que como um acto de devoção perante um ser divino. Pensei muito nos pecados que ia confessar, juntando com dificuldade um escasso punhado, tentando lembrar-me de mais para tornar a lista mais suculenta e honesta, recordando o que tinha escutado na catequese sobre o que era ou não pecado. O momento de me levantar, quando chegou a minha vez de ir até ao genuflectório, foi de nervosismo. Não queria enganar-me em nada, queria ajoelhar-me com elegância e dignidade discretas, ao passar à frente do Sacrário, não queria esquecer-me da lista que tinha compilado nem do Acto de Contrição. Nisto tudo, o Padre Carlos era de uma meiguice enorme, não exigindo a crianças que fossem autómatos a debitar gestos rituais, dizendo piadas ligeiras, ajudando ao dizer “diz lá agora o teu acto de contrição”, para sabermos que era o momento de dizer o Acto de Contrição, e sorrindo muito daquela forma condescendente e atenta dos adultos. Não me lembro de quantas Avé Marias tive de rezar, mas Pai Nosso foi só um, “pensando bem em cada palavra”, como me recomendou o Padre Carlos.

Durante a catequese eu tinha a mesma espécie de concentração calada e solitária que me permitia decorar tudo o que ouvia, nas salas de aulas. Não estudava os livros de catequese, como não estudava os livros da escola, mas decorava tudo o que lia e ouvia. Durante a missa gostava muito das primeiras duas leituras, muito mais do que do Evangelho. Geralmente a primeira leitura era do Antigo Testamento e muitas vezes a segunda também. Eu ouvia, como escutando uma pequena

história que um ancião contasse à lareira, sobre as origens da tribo e do mundo. Tinha um fascínio enorme pelas histórias antigas da Bíblia. A dada altura, os meus pais compraram uma Bíblia ilustrada. Dividida, como nas Bíblias normais, em Antigo e Novo Testamento, em vez de ter o texto das Escrituras, tinha, para cada Livro duas páginas. A da esquerda, inteiramente preenchida por uma ilustração e na da direita uma pequena narrativa, num texto adaptado e reduzido, traduzindo o texto original numa pequena fábula infantil. Abel e Caim, O Bom Samaritano, o Baptismo de Jesus, a conversão de São Paulo e outros momentos bíblicos, ganharam, com aquele livro grande, de capa dura, uma imagem que a minha mente fantasiosa poderia explorar e desenvolver. Ao escutar as leituras, reconhecia algumas destas histórias, recebendo-as na missa das 11h30, no texto original. Outras, que não constavam da Bíblia ilustrada que li com a minha mãe, escutava-as com atenção redobrada, tentando perceber a moral da história, que muitas vezes só a homilía desvendaria. Como ia à missa das crianças, a homilía era composta de palavras e conceitos mais simples e directos e não era demasiado longa. Mais tarde, quando me tornei acólito e comecei a lidar com os objetos e os livros usados na liturgia, vi que os textos se repetiam, penso que de três em três anos. Três anos, quando era criança, era muito tempo, ainda assim, lembro-me de reconhecer algumas das histórias, enquanto as escutava ao serem lidas para a assembleia e adivinhando-lhes o desfecho.

6

Lembro-me de dizer à minha mãe algo como “agora que vou para a Dona Emília é que viémos viver cá para cima”. Para nos referirmos ao Externato Sra. Da Encarnação dizíamos sempre A Dona Emília, que era o nome da professora primária que dava a primeira, segunda, terceira e quarta classes, numa mesma sala de aula, no 1º andar do edifício da papelaria da Dona Graça, que era também a dona do Externato. Quando vivíamos na garagem alugada à Dona Estrela, o caminho até à pré-escola fazia-se em 2 minutos a pé. O Externato ficava à mesma distância, na porta ao lado do Pena Branca, restaurante-residencial que fazia uma das esquinas do fim da Rua Capitão Guerra. Se a distância aumentou, quando fomos viver para a Sra. Da Encarnação, também aumentou a autonomia. A partir da primeira classe, passei a ir sozinho para a escola e a regressar igualmente sozinho, o que me agradava muito. No ano de pré-escola, a minha mãe ia levar-me até à porta. Desse período, dos meus cinco anos de preparação para a primária, lembro-me apenas de três momentos. O mais traumatizante de todos: o primeiro dia, em que não sei como a minha mãe conseguiu que eu finalmente ficasse, tão sinceros e intensos eram os meus berros e o meu choro. O único relacionado, de facto, com aprendizagem: o dia que passámos a desenhar o número 2, que segundo a pré-professora, a Dona Elisa Amélia – que tratávamos por Lisâmélia -, era como desenhar um patinho. Aquilo era mais um cisne, parecia-me, enquanto a Lisâmélia me corrigia, dizendo “assim, não, puseste uma corda à volta do pescoço do patinho, coitadinho”. O que recupero de forma mais vaga: eu e uma menina da minha idade, debaixo de uma carteira, a ignorar as repetições de números e letras e a mostrar um ao outro o que tínhamos por debaixo das cuecas. Acho que foi nesse momento que ouvi, pela primeira vez, a palavra bibi (nunca usei nem ouvi, enquanto crescia, a palavra pipi, que só muito recentemente percebi ser de uso generalizado e ter o mesmo significado da que eu usava).

Não tenho grandes recordações da ida para a Dona Emília, apenas imagens vagas do acordar diário, trapalhão, da ida à casa-de-banho aos tropeções, de olhos fechados. O caminho até ao externato, ou era demasiado banal e igual a si mesmo para que me lembre dele, ou era feito com tanto sono que se diluiu como os fragmentos dos sonhos menos importantes. O regresso sim, era uma aventura, que eu estendia fazendo brincadeiras com colegas, fazendo durar ao máximo o momento da brincadeira, atrasando o passo o mais possível. Saía habitualmente com o Querido, Ricardo de nome próprio mas que era conhecido, tal como o irmão Nuno, pelo delicado e original apelido do pai, que era “topógrafo, não tipógrafo”, disse-me uma vez o Ricardo. O Querido, Ricardo de nome próprio, vivia a um passo da Dona Emília, mesmo em frente ao Estado, que era a forma de a Dona Emília se referir à Escola do Serrado, penso que por abreviação de Escola do Estado. Saíamos juntos, para nos separarmos passado 100 metros, ele descendo as escadarias que dão acesso às vivendas junto à Escola do Serrado, eu iniciando a parte inclinada da Rua Capitão Guerra. Na primeira dessas vivendas vivia o Valdemar, um dos patrões do meu pai. Eu subia então, ao longo do muro lateral da Escola do Estado, que acabava onde começava o Caminho Velho. A minha mãe deve ter-me avisado várias vezes para não ir por ali, principalmente no Inverno, por ser caminho escuro e feio. Isto porque me recordo de que as primeiras vezes em que optei pelo Caminho Velho, em vez da subida da Capitão Guerra, foram revestidas de um sentimento de aventura e perigo. É incrível como o mundo parece encolher, quando crescemos. Percebi isso pela primeira vez quando entrei na Merceria do Tio Leite, na Rua de Santa Catarina, no Porto, já crescido e depois de não ir lá desde criança. O local que me parecia mágico, um verdadeiro bazar cheio pastilhas elásticas, refrigerantes e utilidades a que só os adultos dão valor era final uma pequena e modesta merceria, anacrónica e triste. O balcão, verdadeira barreira inacessível para a minha estatura de criança, afinal dava pouco acima da cintura de um adulto. Com o Caminho Velho, a mesma desilusão, distorcida e amplificada

pelo desbaste das árvores, pelos arruamentos largos e largas vivendas e pelo asfalto, que destruíram o Caminho Velho, tornando-o bonito e claro em vez de feio e escuro. Quando eu me aventurava pelo Caminho Velho, era como se me desviasse da rota para me perder em caminhos selvagens. Um carro não caberia ali, nem os sulcos profundos na terra do caminho condescenderiam a passagem de pneus. Por mais que aquilo fosse um atalho, desembocando mágica e subitamente em asfalto e passeios, a última parte quase um túnel, de tão apertada, parecia-me um caminho mais longo, mais difícil e muito, muito mais interessante que o caminho convencional pela Capitão Guerra.

7

Além do Querido e a partir da segunda classe, tive outro colega com quem me dava bem, o Sérgio, que veio com os pais dos Estados Unidos, onde estavam emigrados. Não sei se foi da América que trouxe a traquinice e um à-vontade próprios de um miúdo da quarta classe. Um dia, talvez como prémio da nossa amizade, mostrou-me um dos seus truques de aluno espertalhão. Diariamente levávamos para casa palavras difíceis – não tenho a certeza, mas penso que eram cinco por dia – que tínhamos de ir ver ao dicionário, de onde transcrevíamos o significado e que tínhamos de escrever, sem erros ortográficos, cinco vezes cada uma. O Sérgio, que devia achar que estar a escrever a mesma palavra tantas vezes era coisa de totós, mostrou-me como fazia. “usas três canetas, já tentei com quatro mas não dá. três canetas, assim, tens é de praticar, pra ficarem direitas. e é rápido. de uma vez, escreves logo a palavra três vezes. e depois é mais fácil ainda, com duas canetas escreves o que falta.” Acho que cheguei a tentar em casa. Mas não encontrei três canetas que tivessem exactamente o mesmo tom de azul. Além de achar muito difícil segurar as três canetas entre o dedo médio, o indicador e o polegar, os bicos formando uma linha inclinada, em que a caneta de fora ia mais longe, a do meio ficava à altura normal e a de dentro ficava mais para cima. A distância de cada bico tinha de ser treinada, para que a palavra correspondente a cada caneta acertasse na linha correcta. Aquilo era muito difícil, devia ser alguma técnica que se aprendia nos recreios americanos, inacessível para a minha esperteza e agilidade. Foi o Sérgio que, noutra altura, me propôs facanha mais arriscada e temerária que a inocente batota nas palavras difíceis. Um dia, a Dona Emília encontrou, não sei onde, dois canivetes. Depois de um extenso sermão sobre os perigos de armas tão indesejáveis, perguntou, com aquela seriedade dos adultos que ze zangam, de quem eram os canivetes, quem os tinha levado tão inapropriadamente, para a escola. Não terá sido boa ideia a que fez a seguir, enquanto esperava que o prevaricador se acusasse, arrependido – coisa que não aconteceu. Pousou os canivetes perto do quadro, numa mesa, e tenho até a ideia de que nos disse que assim, à vista de todos, nos íamos lembrar de como levar armas brancas para a escola era errado. O que o Sérgio me propôs foi que roubássemos os canivetes. Ele deveria ser bastante persuasivo, já que ir contra um aviso tão sério de um adulto e roubar algo que não me pertencia eram coisas que me assustavam. Mas a nossa conversa foi rápida e eu disse que sim com a cabeça, já que naquela idade pouco falava. O Sérgio tratou do roubo. À saída, fui com o Querido e o Sérgio pelo lado do Grupo Caras Direitas, em vez de subir logo a Capitão Guerra. Habitualmente, despedíamo-nos ao chegar à Dona Estrela. O Querido descia as escadas, ao lado do Serrado, eu virava à direita, para o Caminho Velho e o Sérgio virava à esquerda, na rua que começava à porta do minimercado. Dessa vez contornámos o quarteirão e o Sérgio, esperto e desembaraçado, conseguiu despachar o Querido, que seguiu para casa, não fazendo parte do nosso esquema. Depois de ficarmos sozinhos e longe de olhares alheios, o meu companheiro de crime mostrou-me os canivetes e escolheu o dele, o maior. Eu fiquei feliz com o que me calhou, que era pequeno mas com um desenho a adornar-lhe a lâmina e um tom de ouro velho. Gostava de o abrir e fechar, nunca tinha tido na mão algo assim: uma pequena faca, com a lâmina retráctil, característica que o fazia, de facto, parecer uma arma. Fomos até um pinhal que ali havia. Chamar-lhe pinhal é ser um pouco pomposo demais. Aquele terreno, o único pedaço por construir, nas traseiras da casa do Querido, perto da praça onde ficavam os Correios, tinha uma entrada esguia, a subir. E depois alargava-se num pinhal em miniatura, com árvores altas. Foi atirando os canivetes contra as árvores que brincámos pela primeira vez com eles. Depois de algum tempo, tempo suficiente para que eu já tivesse chegado a casa, o Sérgio mostrou-me onde guardar as nossas armas em miniatura. Aproximou-se de uma árvore e tirou um pedaço da casca. Naqueles troncos é fácil tirar um pouco de casca, que se acumula como telhas anárquicas, sendo muito usada em jardins, para preencher os espaços entre as plantas. Os canivetes ficaram escondidos, entre o tronco e uma telha de casca de

árvore. Decorámos a localização da árvore-paiol e fomos para casa. Durante algum tempo, íamos sempre até à nossa floresta de brinquedo, depois das aulas, atirar os canivetes contra o chão e contra as árvores. O Sérgio falou-me de um grupo de rapazes que também costumava brincar perto dali. Chamou-os por um nome colectivo, como se eles fossem um bando ou um gangue. E arranjou um nome de gangue para nós. Os dois, armados de pequenos canivetes, fariamos frente ao bando rival. Nunca houve nenhum confronto de facto, além dos que imaginávamos, enquanto encenávamos fugas estratégicas por entre os pinheiros, um a cobrir a retirada do outro, os dois a atrair o inimigo para uma emboscada. Acho mesmo que não cheguei a ver um único membro desse gangue de rapazes invasores do nosso território.

8

Nos regressos a casa, a minha mente era um recreio para a imaginação. Coloria o pensamento de imagens dos desenhos animados ou dos livros do Karl May, que o meu pai me deu a ler assim que eu tive paciência e vontade de ler livros, ou dos jogos do ZX Spectrum – que no meu caso era um Timex a que se ligava um leitor de cassetes. Eu era herói ou bandido romântico que fugia da justiça. Certa Primavera, havia ervas muito altas no terreno onde mais tarde foram construídas duas vivendas geminadas, que ficava antes da praça com o xafariz, em frente à Capela da Sr.a da Encarnação, do outro lado da rua. Subi o desnível do terreno em relação à rua e escondi-me dos carros, transformados pela minha fantasia heróica em inimigos. Encontrei uma rotina que me agradou, entre as ervas quase da minha altura. Avançava passos cautelosos, cheios de artilharia e tática, até ouvir o ruído no asfalto de um carro a aproximar-se. Nessa altura atirava-me para o chão, furtando-me à flagrância de me detectarem. Deixava-me cair de barriga para baixo e olhos atentos que nunca se fechavam, como via fazer aos protagonistas dos filmes de acção, quando iam resgatar um amigo caído nas armadilhas de tropa inimiga. Fiz isto vários dias seguidos. Por vezes, e porque o trajecto escola-casa se fazia em menos de 12 minutos, os meus pais perguntavam-me se eu tinha saído mais tarde da escola, para me atrasar tanto. E o tanto era geralmente outros 12 minutos, no máximo. Num dos últimos dias da brincadeira de me esconder dos carros, talvez já na fase descendente que sofrem todas as brincadeiras que se repetem, arranquei ervas, dessas altas quase tão altas como eu. Gostava daquele barulho, como de algo de pano velho a rasgar-se, e do subtil cheiro a terra, desprendido das raízes escura de húmus. Arranquei ervas até ter um molho no braço que se fosse maior, me cairia para o chão, em desperdício e atrapalhão. Fui rua acima, contente e embaraçado, sem explicação nem contexto para as ervas que transportava. E, ao chegar a casa, entrar no portão e preparar-me para tocar à porta, reparei, com olhos de ver, sem a película fantasista do meu silêncio povoado de imagens, que tinha o braço impedido e cansado, cheio de ervas a cheirar a seiva acre e pingando torrões de terra escura no chão. Em vez de tocar à porta, fui às traseiras, descendo os três degraus – a quase-garagem ainda não tinha a parede ao fundo – e despejando o meu fardo para a banca. A minha mãe apercebeu-se que eu tinha ido para os fundos da casa e abriu a porta da cozinha. Não sei se naquela altura ficava vermelho, ao ser confrontado com a minha timidez. Sei que o rosto me ardeu e engoli em seco, sem medo mas com muito constrangimento, quando a minha mãe me perguntou “o que é isso, porque é que trouxeste ervas para casa?”. Eu respondi, ou não respondi, como era meu hábito. Encolhendo os ombros, ou abanando a cabeça tão imperceptivelmente que não se via se era de cima para baixo a dizer sim ou da esquerda para a direita a dizer não, e murmurando um surdo “não sei” que, com o hábito fui conseguindo apurar e reduzir até ser apenas um som cavo, entre um grrrum e um haam. A minha mãe, habituada aos meus silêncios e com o seu detector de problemas filiais, avaliou a situação como sendo de perigo residual ou inexistente. E chamou-me para lavar as mãos. Deve ter varrido os torrões de terra, que eu tinha largado como gotas de suor de um ser que fosse de terra e caminhasse uns metros acima do chão. Demorei pouco tempo na confusão de não perceber porque tinha trazido para casa tão inútil e inconveniente troféu. Fui lanchar, ver os desenhos animados que dessem àquela hora e distrair-me do mundo lá fora, que era meu diariamente por 12 minutos vezes 1 ou 2.

9

O meu silêncio foi o traço de personalidade mais constante durante os primeiros tempos de infância de que me lembro. Talvez tenha durado até aos 9, 10 anos. Conseguia, ou não conseguia evitar, passar dias a fio sem falar. Sim e não eram suficientes para responder a perguntas. E se ninguém me perguntasse nada, eu nada dizia. Na altura não sabia que um longo período de tempo sem falar tornava a voz rouca, inoperante, difícil. Quando era forçado a falar e me saía um resmungo tímido dificilmente traduzível, eu via essa minha dificuldade como parte do meu silêncio. Era como se eu não tivesse sido feito para falar, apenas para escutar. Dizer que eu era introspectivo seria eufemismo. Eu era todo efabulação, imaginação, diálogo interior, sonho acordado. Ia construindo narrativas paralelas à realidade - de que apenas tomava parte ligeiramente, como alguém que não sabendo nadar molhasse apenas os pés na onda mais pequena e inofensiva que pudesse encontrar. Enquanto crescia, as minhas emoções em processo de complexificação iam legendando o mundo, para que fosse capaz de o ver ao menos como um filme em língua estrangeira com uma dessas traduções incompetentes que, desconhecendo as subtilezas das expressões idiomáticas, fazem delas versões literais e sem sentido; um desses trabalhos de tradução trapalhão e revisionista, que faz “son of a bitch” aparecer como “sacana” e “God damn” como “raios”. Na catequese e na escola era muito atento. Acredito agora que as crianças pequenas vivem num limbo estranho e maravilhoso, que, como se os unisse, saltita entre estados meditativos intensos e límpidos com alienação profunda e ruidosa. Eu não distinguia muito bem a concentração de monge com que escutava as aulas das fantasias que me levavam a achar boa ideia colher ervas e levá-las para casa sem pensar o que fazer com elas. A mente era o meu universo, a minha morada, o meu transporte e, incontornavelmente, o meu relógio. As crianças caladas, como eu, que precisam de ser tocadas no ombro ou ouvir um “estás a ouvir?” quase gritado, para que despertem da meditação/alienação, vivem presas no tempo psicológico. Para os adultos, o tempo psicológico ganha preponderância quando estão de férias ou se esquecem do relógio ou estão tão stressados ou relaxados que o tempo é vivido como muito bom ou muito mau. As crianças como eu só conhecem o tempo psicológico. *Muito tempo* é uma quase um categoria emocional, assim como *pouco tempo*. Mantive, até hoje, a capacidade de autonomizar as reacções emotivas em relação ao tempo da quantidade de tempo disponível. A minha mãe ainda fica alertada e às vezes furiosa quando eu, já atrasado e sem tempo nenhum, não produzo gestos nem uso tom de voz de quem está aflito porque está atrasado ou *não tem tempo*. Tempo temos sempre – o que estamos a viver.

10

A minha primeira paixão aconteceu na segunda classe. Chamava-se Inês esta menina morena, pequena e magra e devia ser muito inteligente, porque tinha a minha idade mas a Dona Emília fê-la avançar uma classe. Por isso, quando eu andava na segunda classe, ela já estava na terceira. Parecia uma índia, com o seu cabelo negro muito curto e a pele escura e com reflexos de argila. Penso que cometi a indiscrição de dizer ao Querido que gostava da Inês. Uma vez, quando estávamos a fazer uns exercícios, no silêncio meditativo e inustrioso que a Dona Emília geria, o Querido estava sentado ao lado da Inês, com um braço por cima do ombro dela, muito proprietário e confiante. Sei que aquilo me magoou e tenho até a impressão de o Querido saber como aquilo me atingia. Há uma imagem na minha cabeça dele a olhar para mim, satisfeito e desafiador. Deve ter acabado ali qualquer esperança de que a Inês gostasse de mim. E esse foi o padrão que segui, até hoje. Quando decido, na minha cabeça, que não dá, rasgo o que sobrar de esperança e sofro o eco que me martelar, cortando-me nos fragmentos do que eu quebrei. Posso ficar anos neste sofrimento de luto, mas partir para o luto é muito rápido. A Inês encontro-a de vez em quando e nunca percebi se ela também me reconhece. Continua pequena e magra, ainda tem o cabelo curto com a mesma cor negra, de reflexos quase azuis e a mesma pele bela e escura. Quando a vejo, sinto que só eu cresci e engordei, só eu deixei tanta coisa para trás. Mas isso deve ser porque olho para a ela e vejo a criança que ela foi, não encontrando a criança que fui em lado nenhum.

11

Sonhar, para a criança que eu fui, era exercer sem regras nem limites a minha tendência para a fantasia e a irrealidade. Durante anos não sabia que se podia sonhar sem se ser o maestro do sonho, não sabia que os sonhos podiam ser maus ou que, sendo maus podíamos não ser capazes de os tornar melhores. Quando eu sonhava, sabia que sonhava. O que tornava o sonho muito mais concreto e palpável que estar acordado. Acordado, eu perdia-me do sítio onde estivesse, só voltando a perceber onde estava quando me gritavam ou tocavam no ombro. E a descida era estranha, como se caísse das nuvens para um buraco desconhecido onde pessoas falavam entre si como se gostassem muito de estar ali naquele buraco. E eu queria mesmo era saber o que estava acima das nuvens. A dormir, eu controlava a irrealidade. Sonhei anos assim, retomando ao adormecer os meus sonhos favoritos, mudando as cores, os cenários e as personagens a meio do sonho, se me apetecesse. A mente deveria ser sempre assim, um espaço só nosso que não é uma fuga do relento, é uma casa e ao mesmo tempo o operário que a constrói. Sonhava muitas vezes que voava. E como gostava muito de sonhar que voava, deitava-me a pensar “onde é que eu vou voar hoje?”. Por algum motivo, tinha uma predilecção por pontes. Voei muitas vezes através de nuvens húmidas, centenas de metros acima de pontes gigantescas que deveriam ficar, por sua vez, a centenas de metros do rio. Não se viam nem percebiam nem sequer adivinhavam casas ou outras coisas humanas. Mesmo a ponte era uma não-construção, uma coisa que sempre foi e que é assim, uma, sem peças nem método de se replicar. Raramente, batia os braços como asas sem penas, mas era uma forma pouco eficaz de voar, e muito cansativa. Por isso mesmo, a meio do sonho, pousava, evitando um móvel – bater os braços era coisa que acontecia dentro de casa, por alguma razão – e tentava não me magoar, como humano albatroz desconhecedor da rigidez bizarra do chão. Sem precisar de estalar os dedos, a casa desaparecia eu eu estava numa floresta ou no céu, ou noutra sítio que me agradasse. Se mudar, transformar e invocar os sonhos era natural, não era, de forma nenhuma tarefa de um ditador sem apreço pela criatividade mais selvagem e improvável. As minhas intervenções eram fruto de algum esforço e de arte aprendida. Os sonhos decorriam e eu, sabendo que sonhava, não sabia naquele momento que pudesse haver mais que o sonho. Para que pudesse mudar o sonho, tinha de me concentrar, dizendo “isto”, como se faz na meditação para assinalar um pensamento, deixando-o cair. Ao proclamar “isto” fazia-o ser “aquilo”. Mas era apenas isso. O sonho continuava, na direcção em que tivesse tomado balanço. Eu deixavava-o ir. Uma vez, sonhava eu que estava numa floresta. E caminhava, por entre uma natureza perfeita e chata. Disse “isto não” e logo comecei a voar, corpo esticado paralelo ao chão. Voei com tal velocidade que as árvores chatas e belas se transformaram em riscos verdes sem princípio nem fim, como uma espiral que estilhaçada e esticada se transformasse em linhas paralelas num cilindro, assim à moda dos filmes em que uma nave espacial entra em hiper-espaço. Sem que fosse eu a dizer “isto”, no sonho, livre da minha intervenção consciente, eu continuava a voar e fazia agora gestos de mago, com dedos poderosos a apontar coisa invisível que por eles saísse. E era como se milhões de cores, em tinta cósmica, saíssem da magia que os indicadores atiravam. Ia colorindo sucessivamente todo o espaço em volta, cores sobre cores sobre cores, até ao descanso tranquilo e acelerado do branco.